

CLAMANDO NO DESERTO: A TESE DO BLOQUEIO*

Frederico Jayme Katz
fkatz@elogica.com.br**

Uma reflexão brasileira atual sobre as relações entre Centro e Periferia não deve deixar de se dirigir a duas questões fundamentais. A primeira diz respeito a uma condição que existe há bastante tempo, que certamente é fundamental para o conjunto dos países Periféricos, tem causado muita revolta e reações e, como não podia deixar de ser, sempre teve maior divulgação. Trata-se do tema das perversidades geradas pela relação centro/periferia, que colabora para manter na miséria milhões de pessoas em todo mundo. Esta frase é até leniente porque a palavra ‘mantém’ pode obscurecer a situação tão comum dos que não resistem e morrem, ou mesmo são mortos pelas guerras de dominação e por outros atos que testemunham a voracidade inescrupulosa e ilimitada do capital em todos os tempos. A dureza desta situação em nada tem diminuído e deve continuar sendo o centro das atenções.

Ao mesmo tempo em que se declara não desejar diminuir por um delta que seja a precedência da importante questão mencionada anteriormente, é preciso dizer também que estas relações centro/periferia dão lugar, legitimamente, a observação de outro aspecto desta problemática, especialmente para os analistas brasileiros. Isto decorre da particular situação do Brasil dentro do conjunto de países periféricos. Conjunto este que é muito heterogêneo e que se encontra em processo de diferenciação contínua. Daí afirmarmos também ser necessário que se atente para outra questão, a possibilidade de que o processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil ultrapasse as barreiras do subdesenvolvimento.

Então, de forma sumária, **a posição que se defenderá neste texto é que, como entendemos que é concebível e teoricamente possível que o Brasil avance, libertando-se de amarras de sua situação de Dependência, como já o fizeram no passado uns poucos países, esta hipótese não pode deixar de estar presente em nossas conjecturas sobre o futuro.** Mais detalhes e especificações adiante, destacando por agora, que esta é uma posição praticamente ausente nas manifestações da Esquerda sobre o Brasil.

* 3ª Versão, revisada e atualizada em 23 de julho de 2008.

** Consultor do Núcleo de Estudos Para a América Latina (NEAL), da Universidade Católica de Pernambuco (Católica). Agradeço aos colegas do NEAL, Pe. Paulo Meneses, Abraham Sicsú e David Rosenthal, assim como a Adriano Batista Dias da FUNDAJ, Antonio Marcio Buainain, da UNICAMP, Carlos Pimenta da Universidade do Porto, Célia Lira, Maria Brayner e Policarpo Lima da UFPE, Jose Ernani Souto Andrade da Católica, José Oto Oliveira da Coonap e Dionísio Valois do Cendap, pela paciência durante as enriquecedoras discussões que mantivemos nos últimos anos. Nem todos concordam com meu posicionamento e, por certo, a responsabilidade por todas as falhas contidas no trabalho é, exclusivamente, minha. Um texto, com pequenas diferenças deste, foi apresentado com o título “Globalização e Periferia. Passado e Presente”, no Seminário Internacional “PARA ONDE MARCHAM OS PERIFÉRICOS?”, promovido pelo NEAL em Agosto de 2007.

A defesa deste posicionamento envolve a análise de um amplo espectro de assuntos teóricos e empíricos, alguns dos quais terão que ficar a espera de confirmações e provas que só a História fornecerá. No intuito de colaborar com esta discussão, o texto se centrará apenas no estudo de uma idéia crucial neste debate, a ‘Tese do Bloqueio’.

Começamos a Seção 1 conceituando a ‘Tese do Bloqueio’ e, após breves indicações sobre sua importância e os limites do presente trabalho, passamos a produzir as provas de sua disseminada influência nas discussões sobre o desenvolvimento do capitalismo na Periferia. Com este objetivo, o foco é então dirigido para o momento atual, destacando sua presença em importante e influente trabalho recente, o que completa a justificação da relevância da discussão. Sabendo que nossa posição é dirigida “contra a(s) corrente(s)” e, por esta razão, tende a ser ignorada ou objeto de mal entendidos, na Seção 2 aprofundamos a caracterização e a especificação da mesma. Na Seção 3 retomamos o exercício de demonstrar a amplitude da influência da ‘Tese do Bloqueio’, e também sua resiliência, enfocando trabalhos relevantes dos últimos 150 anos. Ao fazê-lo, incorporamos contribuições de importantes autores que nos indicam as origens históricas, e de classe, deste tipo de idéia.

1 – Justificativas. Afirma-se que se deve considerar e discutir a questão da possibilidade de desenvolvimento do capitalismo no Brasil em razão da existência de uma idéia oposta a esta, em geral não explicitada, que está subjacente à maioria das análises da Esquerda sobre o tema. A saber, que **o desenvolvimento do capitalismo no terceiro mundo é, de algum modo, obstruído, incompleto, impotente e, conseqüentemente, essencialmente diferente daquele dos países centrais**. Em Katz, 1984, esta idéia foi intitulada de ‘Tese do Bloqueio’ (TB), referência que será utilizada ao longo do texto ¹.

Não é preciso muito esforço para defender que o tipo de posicionamento que o analista adota em relação a este ponto é extremamente importante e, sobretudo, faz muita diferença em relação às suas expectativas para o futuro. Pois, naturalmente, se há compromisso, consciente ou não, com um pressuposto de que o desenvolvimento do capitalismo na Periferia é um processo bloqueado, as previsões, propostas e tudo que se segue, estarão marcadas por esta limitação.

¹ Como se vê, acompanhamos a evolução desta idéia há quase vinte e cinco anos. Durante este tempo estivemos clamando em um quase deserto, tendo sido, historicamente, poucas as manifestações assemelhadas que encontramos na literatura. Com argumentos que, de uma forma geral, se opõem a idéia que chamamos de TB, antecederam-nos, Lênin no Século XIX e Warren em 1973. E, em recente artigo, Luis Fiori, 2007 se posiciona na mesma direção. Lênin e Warren que, apesar de equívocos outros, nos inspiraram, estão mortos há tempo. Como não se sabe se Fiori desenvolverá mais adiante sua curta nota, é preciso trabalhar o argumento. É necessário dizer também que há outras manifestações de oposição à TB, sempre implícitas. E também mais restritas, porque não se manifestam contra a TB em geral, mas dizem respeito tão só a um caso particular, o Brasil, como em alguns trabalhos de Antonio Barros de Castro. Em outros casos limitam sua presença a um único trabalho do autor, desaparecendo, ou mesmo mudam de direção, em trabalhos posteriores, como nos casos do artigo de Tavares e Serra, 1977 e do livro de Oliveira, 1977.

Ao nos concentrarmos neste texto na análise da TB, estaremos abordando um aspecto teórico da questão. O objetivo aqui não será o de tentar “provar” que a TB está errada. Mas sim, definir e nomear a mesma, de maneira a ajudar a torná-la perceptível e identificável, mesmo nos diferentes formatos que tem tomado ao longo do tempo, caracterizá-la, mostrando seu conteúdo de classe, apresentar hipótese acerca de suas origens Históricas e expor sua presença recorrente e grande influência nos debates sobre o desenvolvimento do capitalismo na periferia.

Na verdade, é muito extensa a influência desta idéia no seio do pensamento da Esquerda, também na presente quadra, situando-se como verdadeiro corolário não declarado do seu *Mainstream*². Este pensamento é hegemônico, e são raras as manifestações opostas³.

Para indicar a onipresença atual desta idéia não é necessário cansar o leitor com listas de nomes e citações de inúmeros trechos de trabalhos. É suficiente discutir apenas um exemplo, em virtude do mesmo ser verdadeiramente paradigmáticos. A escolha recai sobre o autor Francisco de Oliveira, naturalmente não o da “Crítica à Razão Dualista”, 1977, mas o seu oposto, o do “Ornitorrinco”, 2003. A escolha deste autor deve-se exatamente a avaliação que se faz do mesmo como um dos melhores analistas da Esquerda, sério, erudito, merecedor de todo respeito pessoal, intelectual e teórico, afastando assim qualquer suposição de que a crítica tem motivações menores ou outras. A escolha do trabalho a focar, deve-se então a forte repercussão que o mesmo tem causado, praticamente transformando-se no eixo quase consensual das análises da Esquerda.

Selecionamos algumas passagens do citado livro, bastante esclarecedoras. Inicialmente, sobre sua atual visão acerca das origens, possibilidades e destino dos subdesenvolvidos.

“O subdesenvolvimento, assim, não se inscrevia numa cadeia de evolução que começava no mundo primitivo até alcançar, por meio de estágios sucessivos, o pleno desenvolvimento. Antes, tratou-se de uma singularidade histórica, a forma do desenvolvimento capitalista nas ex-colônias transformadas em periferia, cuja função histórica era fornecer elementos para a acumulação de capital no centro. Essa relação, que permaneceu apesar de intensas transformações, impediu-a precisamente de “evoluir” para estágios superiores da acumulação capitalista; vale dizer, para igualar-se ao centro dinâmico, conquanto lhe injetou reiteradamente elementos de atualização.” (Oliveira, 2003, p. 126, aspas do autor e grifo nosso)

Mais adiante afirma “O subdesenvolvimento viria a ser, portanto, a forma de exceção permanente do sistema capitalista na sua periferia.” (Oliveira, 2003, p. 131, grifo nosso)

² A posição que referimos como o atual *Mainstream* da Esquerda é a Teoria da Financeirização.

³ O interesse na TB nos leva a estar atentos e registrar, quando ocorre, sua marca nos trabalhos que analisamos. Mas, é natural que passe despercebida para a maioria dos leitores, já que é raramente destacada. No entanto, a verificação de estudos do tema, incluindo artigos apresentados em eventos acadêmicos, forneceria longa lista de exemplos.

A posição oposta que o mesmo autor tinha defendido na “Crítica à Razão Dualista” é justificada agora, no “Ornitorrinco”, fazendo uma distinção entre a Segunda Revolução Industrial, em relação à qual teríamos conseguido incorporar completamente, e a Terceira que nos seria inacessível em forma plena (Oliveira, 2003, p. 133). Daí nos prender em uma Dependência tecnológica e financeira da qual não poderíamos escapar.

O compromisso com esta inevitabilidade é problemático. Pois, em poucos anos, a História já pos em xeque esta afirmação. Em certo momento, o autor caracteriza nossas heterogêneas economia e sociedade como um ornitorrinco, pergunta e responde: “Onde é que está falhando a “evolução”?” Na circulação sanguínea: a alta proporção da dívida externa sobre o PIB demonstra que sem o dinheiro externo a economia não se move.” (Oliveira, 2003, p. 134, grifo do autor). E em um rodapé, nesta mesma página, o autor adiciona: “A dependência financeira é dramática e praticamente irreversível, e de uma volatilidade espantosa.” (Oliveira, 2003, p. 134, grifo nosso).

Na realidade, foi reversível. Não se sabe se esta situação se mantém, ou não, nem por quanto tempo. Mas, por agora, nos livramos de uma das amarras da Dependência, a financeira. Então, o alegado “Bloqueio” neste período atual, em que o elemento que seria o “freio” de nossa economia, a dívida externa, está sob controle, é apenas o componente tecnológico? É então outro ‘tipo’ de dependência?

‘O ornitorrinco é isso: não há possibilidade de permanecer como subdesenvolvido e aproveitar as brechas que a Segunda Revolução Industrial propiciava; não há possibilidade de avançar, no sentido da acumulação digital-molecular: as bases internas da acumulação são insuficientes, estão aquém das necessidades para uma ruptura desse porte. ... O ornitorrinco capitalista é uma acumulação truncada e uma sociedade desigualitária sem remissão.” (Oliveira, 2003, p. 150, grifo nosso)

2 – **Especificando o Posicionamento**. Apesar de não se desejar, em nada, aliviar a ênfase na afirmação da perversidade da relação centro/periferia, é natural que ao sugerir, contra a corrente, o direcionamento de atenção também para a discussão das possibilidades de desenvolvimento do capitalismo no Brasil, assume-se um posicionamento muito sujeito a mal entendidos. De uma parte, o tipo de análise e a forma de condução concreta proposta, obviamente não é aceita pela Direita, ficando assim em oposição ao *Mainstream*. Mas, o posicionamento vai também à contra mão do que é dominante entre as idéias e conceitos da Esquerda, ou seja, contra o *Mainstream* da Esquerda.. Por esta razão esta discussão, e posição, têm sido tomadas com indiferença e deixadas no

limbo. Para tentar minorar ataques a desfigurados “moinhos de vento”, torna-se indispensável tentar especificar o argumento com o máximo de precisão e rigor que pudermos.

2.1 – Algumas categorias são utilizadas neste texto de uma forma que não coincide com o seu emprego usual atual. Utiliza-se a categoria ‘Crescimento’ para representar um movimento onde se apresentam variações simplesmente quantitativas de elementos como, produto, emprego etc. Já ‘Desenvolvimento do Capitalismo’, é concebido como um Crescimento que envolve mudanças qualitativas nessas categorias, como a elevação no nível das forças produtivas e no grau de socialização do trabalho ⁴. Não se desconhece a distinção, já algumas vezes presentes em argumentações de fundo Social Democrata, entre Crescimento e Desenvolvimento, sendo que este último compreenderia melhorias sociais. Apesar do compromisso com o social, se insiste na utilização de ‘Desenvolvimento do Capitalismo’ no sentido apresentado antes. Ou seja, podendo ocorrer com maior, ou menor, distribuição dos resultados que cria. Isto porque, não se devem alimentar ilusões acerca dos objetivos do capitalismo que, de fato, não tem compromisso com a melhoria da situação da maioria da população. Não ter este ponto presente e, de um modo geral, confundir o Desenvolvimento do capitalismo com a situação de determinados países, em determinados períodos de *Welfare Economics*, quando houve um relativo e amplo bem estar, é falsear a História e a Teoria. Assim, a questão não é semântica, mas sim política e teórica, e a atitude progressista é a adjetivação com a qualificação ‘do capitalismo’ para a categoria ‘Desenvolvimento’, adotando uma utilização Historicamente datada da mesma.

2.2 - Condições Gerais e Qualidade Excepcional. Afirma-se que a discussão da questão do Desenvolvimento do Capitalismo na Periferia inclui obrigatoriamente aspectos de natureza geral, que afetam a todos os países analisados. Entre estes, destaca-se pela sua importância para as análises prospectivas, a existência de inúmeras desigualdades entre as condições dos países do Centro e os da Periferia, que gera uma situação geral de dependência, manifestada com maior significação nos aspectos financeiros e de domínio de tecnologias, e muito difícil de ser superada. Este é um fator que nunca pode deixar de ser considerado e é uma Condição Geral.

A posição que aqui se defende não pretende ser uma regra geral acerca da possibilidade de comportamento simultâneo dos países da Periferia, nem mesmo para algum grupo dos mesmos. **A tese em foco é a possibilidade de, ocasionalmente, algum país periférico que disponha de condições especiais, livrar-se da situação de subdesenvolvido. Fato que, deve-se lembrar, já nos foi apresentado diversas vezes pela História.**

⁴ Vale ressaltar que essa maneira de conceituar estas categorias se assemelha àquela adotada por Lênin no final do século XIX, Lênin, 1899, p. 596. Apesar da distância de mais de um século, entendemos a utilização como adequada para o Brasil de hoje. Nos dois casos os conceitos estão corretamente datados historicamente, pois são utilizados em contexto de domínio da lógica capitalista. Há também outras semelhanças, pois o autor discutia as possibilidades do Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia, país continental que tentava vir à tona em uma época em que os países centrais já espriavam seu poder por todo o mundo.

Insiste-se em alertar para as peculiaridades da situação atual do Brasil. É necessário ter presente que a idéia do desenvolvimento do capitalismo como um processo Desigual e Combinado, usualmente empregada no contexto da realidade interna de um país, naturalmente, estende-se também ao panorama heterogêneo do conjunto de países periféricos. Este conjunto partilha tensões e contradições de mesmo tipo em relação ao Centro, mas, as formas e possibilidades de reagir, e os caminhos que serão trilhados, terão, em cada caso, sua particularidade. Em um dos extremos, por seu porte e nível geral de desenvolvimento capitalista, encontra-se o Brasil. **E, a afirmativa não é de que o Brasil em breve se libertará da Dependência, mas de que isto pode vir a acontecer. E, portanto, é obrigação da Esquerda discutir também esta possibilidade concreta** ⁵.

Esta realidade coloca a proposição deste debate em posição delicada, já que as análises não são trivialmente administráveis. Em certos momentos se avançam discussões perfeitamente bem situadas no contexto teórico de generalização da problemática - Centro versus Periferia. Em outros momentos é necessário se inclinar à obrigatoriedade de se reconhecer as especificidades do Brasil, dentre os países da Periferia, que lhe concede condições muito particulares, esboçando possibilidades de vir a ser uma exceção, de vir a ser a “bola da vez”. Pois, em função das condições específicas do Brasil, foco obrigatório de nossa observação, é indispensável, quando for o caso, indicar as possibilidades de bifurcações caóticas em relação à maioria. Esta é uma situação que, nos parece, deve progressivamente ficar mais premente e óbvia, e que terá que ser sabiamente abordada pela Esquerda brasileira.

Ignorá-la traduz-se em um risco político no que diz respeito às nossas relações internacionais, porque deixaria de nos preparar para entender, e procurar criar condições de convívio solidário, com nossos diferentes parceiros regionais. Isto pode prejudicar nosso relacionamento e toda a estratégia para o subcontinente. Mas, é também um perigo político interno, porque, assim sendo, outra vez, continuaremos apenas ameaçando o futuro com “bolhas” que nunca estouram, com catástrofes econômicas que não chegam, como tantas vezes nos últimos anos. Enquanto isto, outros grupos políticos de diferentes colorações ideológicas, que tiverem maior lucidez, poderão arrebatam os frutos desta mudança e liderar em direções insatisfatórias.

2.3 - A História como forte elemento da metodologia adotada. Este fator, mais as conceituações adotadas, inscrevem-na no campo de Economia Política. Esta opção pode suscitar uma questão que convém esclarecer já de saída. Um fato marcante das últimas décadas é que o mundo tem vivido transformações profundas, rápidas e surpreendentes. Então, se poderia perguntar qual a utilidade,

⁵ No final da década dos 60, intoxicados pelas ondas de idéias Estagnacionistas e Subdesenvolvimentistas, impregnadas de TB, partidos e intelectuais de Esquerda não conseguiram perceber o vigoroso surto de desenvolvimento capitalista que atravessávamos. O mesmo era referido, entre aspas, como se fosse um mito. Mas, a realidade se impôs. Estes partidos perderam sua relevância para outros que foram surgindo e, muitos intelectuais em desalento, entendendo estar em uma situação sem saída, radicalizaram suas posições, com os resultados que conhecemos. Não se pode permitir que algo semelhante ocorra de novo sem que alertas sejam apresentados.

para um debate sobre o mundo contemporâneo, de discussões sobre desenvolvimento capitalista que ocorreram no passado, algumas há mais de cem anos? Uma primeira parte da resposta é que, independentemente de qualquer coisa, o exercício pretende ter um valor intrínseco como um exercício de História do Pensamento Econômico, relacionado ao tema do desenvolvimento do capitalismo na periferia.

Outra importante justificativa nos remete a uma famosa sentença de Keynes, em sua obra maior, “Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro”. Diz o autor: “Os homens de ação que se julgam livres de qualquer influência intelectual são em geral escravos de algum economista defunto”. Keynes, 1973, p. 360. Isto é verdade, mesmo quando se substitui a expressão ‘homens de ação’ por ‘cientistas sociais’. O que se quer dizer com isto é que é possível observar certa recorrência, no que diz respeito a idéias, raciocínios e mesmo teorias, quando se acompanha a evolução do pensamento acerca de desenvolvimento do capitalismo, assim como também em relação a temas econômicos mais amplos ⁶.

É oportuno apontar este fato, pois, apesar de estarmos certos de que “a história não se repete”, há elementos semelhantes em certos contextos que, naturalmente, têm sugerido interpretações paralelas. Nada mais natural. É que o Modo Capitalista de Produção tem suas leis imanentes. E, na vigência de seu domínio, em diversos episódios as mesmas impactam de forma paralela aspectos idênticos de realidades temporais ou espaciais distintas. Os resultados podem ser diferentes, mas serão sempre efeitos de idênticas Leis Tendênciais que agem da mesma direção, o que permite formar conjecturas sobre possíveis resultados.

2.4 – Concentração nos fatores externos ou nos internos? A maioria dos autores que analisamos, em relação ao aspecto em foco, fixa o lócus da discussão exclusivamente no espaço das contradições Centro Periferia. É necessário reconhecer que, preso a esta ótica, um país Periférico qualquer teria as avaliações de seus possíveis destinos definidas, fundamentalmente, exogenamente. Outros autores também contemplam as relações sociais internas ao país da Periferia. Nossa visão não nega a existência e importância da instancia externa, e também adiciona a consideração do lócus do país Periférico, com suas realidades e contradições internas e externas. O que distingue nosso posicionamento é o entendimento que, se para alguns países, em alguns períodos, o lócus externo é o dominante, é concebível que, para certos Periféricos, em alguns momentos os elementos hegemônicos do processo sejam os internos.

⁶ De modo algum, em nosso caso, este tipo de constatação tem a intenção de afirmar que certo autor não desenvolveu interpretação original, pois o argumento já havia sido exposto anteriormente. Não nos move este interesse menor, até porque implicaria na, não menos mesquinha, tarefa de procurar descobrir se havia conhecimento da colaboração anterior. O que realmente se pretende é, por um lado, mostrar que em certo momento uma idéia foi expressa e depois, em outro momento um pensamento com a mesma estrutura reaparece. Em estando alerta para isto, se pode, pelo menos, evitar reincidir em erros já antes cometidos.

2.5 - **Visão Sistêmica.** Quanto a este ponto, apesar de sua importância, não há condições de aprofundá-lo de maneira a exaurir o assunto devido às limitações ⁷. De toda forma, adianta-se a intuição do argumento que torna claro o posicionamento. Para isto, basta dizer sobre o protagonismo dos Paradigmas Tecnológicos Dominantes (PTDs) nesta construção. Particularmente importante é o pensamento que as mudanças nos PTDs constituem o foco deflagrador, portanto definidor da direção da causalidade, das mudanças tanto cíclicas como Tendênciais. A combinação dialética de efeitos nas esferas da produção e da circulação sobredeterminam o processo. Isto conduz a conceituar fases e etapas de forma distinta, e a entender a hegemonia do mundo das finanças como um momento apenas, que se repete, tornando concebível que seja mais uma vez superado. Isto dá margem a legítimas especulações prospectivas muitíssimo mais amplas para países como o Brasil ⁸.

3 – **A Tese do Bloqueio.** Este último item é um exercício de História do Pensamento Econômico relativo à questão do Desenvolvimento do Capitalismo na Periferia. Especificamente, se vai lidar com a TB. Tenta-se identificar suas origens históricas, e de classe, sua recorrência e evolução na história do pensamento econômico.

3.1 - **O surgimento da Tese do Bloqueio na primeira metade do Século XIX.** A TB tem sido apresentada em muitos lugares e épocas, em vários formatos e diferentes graus de intensidade. A primeira referência a um posicionamento na linha do que identificamos como a TB, pode ser encontrada na análise que Marx e Engels fizeram do Socialismo Pequeno Burguês, no “O Manifesto Comunista”, 1978. Este grupo social, a Pequena Burguesia, é caracterizado pelos autores nas citações seguintes. Percebe-se que o mesmo pode ter origens diversas, e ocupar espaços diferentes em função das características e do estágio de desenvolvimento capitalista no país em foco, sendo sempre um grupo, ou posição, fora das duas classes mais importantes, dos capitalistas e do proletariado. O que é uma constante, é que o desenvolvimento do capitalismo o submete sempre a uma situação desvantajosa e dúbia. Daí que tende a gerar teorias que, de alguma forma, tentam negar e se opor a este processo e que, ao mesmo tempo, se expressam na forma de anseio ou saudades em relação a situações do passado e “procuram fazer retroceder a roda da História.” Marx e Engels, 1978, p. 103.

⁷ O posicionamento acompanha Katz, 2006.

⁸ É preciso deixar claro que tipo de exercício científico é este que entendemos estar desenvolvendo. Estivéssemos no ambiente da matemática, classificaríamos estas propostas de Conjecturas. Como se sabe, Conjecturas são proposições que, aceitáveis em toda sua aparência, não tiveram ainda uma demonstração cabal apresentada. No contexto daquela ciência ficam a espera de uma prova concreta. No nosso mundo da Ciência Social, só os fatos que se apresentam com o passar do tempo tornam-nas indiscutíveis. Esta é a natureza deste trabalho, a apresentação de Conjecturas. Por sinal, em relação a isto, a situação do que referimos como ‘Teoria da Financeirização’, para representar a posição do *Mainstream* da Esquerda, apesar de muito mais desenvolvida e fundamentada em fatos atuais, ao lidar com perspectivas futuras também não passa de uma Conjectura.

“Nos países nos quais a civilização moderna se desenvolveu completamente, formou-se uma classe de pequenos burgueses, que oscila entre o proletariado e a burguesia, renovando-se sempre como fração suplementar da burguesia. Os membros desta classe, no entanto, se vêem constantemente precipitados no proletariado devido à competição, e à medida que a indústria moderna se desenvolve vêem-se na iminência de desaparecerem como um setor independente da sociedade moderna, sendo substituídos na manufatura, na agricultura, no comércio, por supervisores, capatazes e empregados.” Marx e Engels, 1978, p. 115.

Este seria o panorama nos países mais avançados. Sua presença é também referida em países mais atrasados.

“A aristocracia feudal não foi a única classe que a burguesia arruinou, a única cujas condições de existência se enfraquecem e perecem na sociedade burguesa. Os pequenos burgueses e os pequenos camponeses da Idade Média foram os precursores da burguesia moderna. Nos países de baixo nível de desenvolvimento industrial e comercial, essas classes ainda vegetam lado a lado com a burguesia em ascensão.” Marx e Engels, 1978, p. 115. Grifo nosso.

Encontramos também no “Manifesto”, aportes referentes à origem das teorias do Socialismo Pequeno-Burguês, a colaboração de Sismondi, a validade das denúncias dos autores desta vertente ideológica sobre os problemas causados pelo desenvolvimento do capitalismo e, ao mesmo tempo, sua dubiedade do ponto de vista do avanço da história. Vale a pena citar extensamente o trecho seguinte pela clareza e riqueza de suas descrições e análises.

“Nos países como a França, onde os camponeses constituem mais da metade da população, é natural que os escritores que apoiavam o proletariado contra a burguesia usassem, em sua crítica à sociedade burguesa, camponeses e pequenos burgueses, defendendo a classe operária segundo esse ponto de vista. Assim surgiu o socialismo pequeno-burguês. Sismondi é o chefe dessa escola, não somente na França, mas também na Inglaterra.

Esse socialismo analisou objetivamente as contradições das relações modernas de produção. Pôs a nu as apologias hipócritas dos economistas. Mostrou, sem dúvida, os efeitos desastrosos da máquina e da divisão do trabalho; a concentração do capital e da terra nas mãos de alguns poucos; a superprodução e as crises; ressaltou a ruína inevitável do pequeno burguês e do camponês, a miséria do proletariado, a anarquia na produção, a acintosa desproporção na distribuição das riquezas, a guerra industrial de extermínio entre as nações, a dissolução dos antigos costumes, das antigas relações familiares, das antigas nacionalidades.

Entretanto, a finalidade real dessa forma de socialismo é ou restabelecer os antigos meios de produção e troca, e com eles as antigas relações de propriedade e a antiga sociedade, ou tentar fazer entrar à força os meios modernos de produção e troca no quadro das antigas relações de propriedade que foram, necessariamente, destruídas por eles. Em qualquer dos dois casos, é reacionário e utópico.

Suas últimas palavras são guildas corporativas para a manufatura; relações patriarcais na agricultura.

Por fim, quando os obstinados fatos históricos fizeram passar completamente o efeito de embriaguez, essa forma de socialismo caiu numa verdadeira prostração de espírito.” Idem, pp 115/6.

Entre as críticas da época, como as de Sismondi, algumas se baseavam em argumentos que punham em dúvida as possibilidades de consolidação mesmo do capitalismo. Assim, as sugestões propostas implicavam em um tipo de retrocesso histórico, como uma maneira evitar o capitalismo. Os avanços do capitalismo puseram esta teoria em dificuldade e, de fato, na época do “Manifesto” estava passando por uma fase letárgica, como referido no ultimo parágrafo da citação.

Mas, da mesma forma que o grupo social que representa, este tipo de idéias têm uma impressionante capacidade de sobrevivência. Algumas décadas mais tarde idéias similares reapareceram, com força total, na Rússia e surgiram outra vez no século XX, em muitos outros contextos, sempre de nações, à época, dependentes. Naturalmente, sempre se adaptam às novas, e particulares, circunstâncias. A impossibilidade do capitalismo naqueles países, ou de um tipo de capitalismo, permanece, no entanto, como seu ponto central.

Em relação à realimentação dos componentes deste grupo, vale dizer que, além das velhas populações camponesas e das Guildas, este grupo social é recomposto a cada nova Onda de desenvolvimento por novos contingentes. Estes se originam nas classes médias, entre os pequenos capitalistas e camponeses que estão ou passam a estar na iminência de se proletarizar em razão da mudança no Paradigma Tecnológico Dominante e das Leis de Movimento do capital.

3.2 – A Tese do Bloqueio na segunda metade do Século XIX. A segunda parada de nossa maquina do tempo será na Rússia, para captar as contribuições surgidas na segunda metade do século XIX. Lênin foi um dos principais oponentes da TB. Um dos feitos deste autor foi mostrar as semelhanças das posições Narodniks com a posição de Sismondi.

No contexto do debate Russo, a TB apareceu em uma versão reformada, já muito similar à contemporânea. A mudança aconteceu porque não havia mais nenhum sentido em tentar “fazer retroceder a roda da História” afirmando, durante as últimas décadas do século de XIX, que o capitalismo em geral não seria capaz de se viabilizar. As realidades concretas da Inglaterra, da

França, de outros países da Europa Ocidental e dos EUA, tornaram esta posição insustentável. Portanto, alguns ingredientes novos tornavam-se indispensáveis para fazer com que a idéia fosse outra vez razoavelmente apresentável.

A situação da Rússia forneceu as circunstâncias perfeitas para tal. Um toque especial foi incorporado ao argumento, e essa idéia foi relançada, em um formato novo, muito atrativo e resistente às intempéries do tempo. Não se diria mais que o capitalismo em geral era incapaz de progredir. Daí em diante, esta previsão ficaria reservada para o capitalismo em países retardatários⁹. Assim, o argumento tipicamente Narodnik de que o Capitalismo realmente se desenvolveu nos países centrais, mas, e por causa disto mesmo, estaria impedido de prosperar em países atrasados, passou a ser a nova formulação da TB.

Entendemos que os dois pilares teóricos que sustentam a posição Narodnik se expressam pelos chamados “Problema da Realização” e “Problema dos Mercados”, tendo ambos natureza Subconsumista. O “Problema da Realização” não era um argumento exclusivo da ideologia dos Pequenos Produtores, nem este tipo de discussão circunscreveu-se exclusivamente à Rússia. É uma crítica geral ao capitalismo, supostamente válida para todos os países. De fato, foi apresentado antes, por Sismondi (Lênin, 1897, pp.129/267) e mais tarde por Rosa de Luxemburgo e outros¹⁰. De forma sumária, defendiam que um sistema capitalista fechado não conseguiria realizar, de forma contínua e sustentada, as mercadorias produzidas. Já o “Problema dos Mercados” era mais específico e tinha um forte apelo para os Narodniks, pois focaliza a contradição entre produção de pequena e de grande escala. Outra vez em termos simplificados, o argumento é que à medida que o capitalismo se desenvolve, um grande número de produtores de pequena escala está sujeito a se arruinar, devido à competição com a produção em grande escala. Esta mesma competição leva as grandes empresas a adotar procedimentos mais produtivos, poupadores de trabalho, e conseqüentemente somente parte daqueles pequenos produtores proletarizados encontrará trabalho. Muitos, simplesmente ficarão desempregados. Isto representa uma queda no consumo. Conseqüentemente, o capitalismo enfrentará também uma demanda insuficiente, diminuída, que anteriormente era exercida pelos pequenos produtores. Esta contração dos mercados e as dificuldades daí decorrentes é que causaria ‘O Problema dos Mercados’.

‘O Problema da Realização’ agravado pelo ‘Problema dos Mercados’ levaria o Modo de Produção Capitalista para a crise. A saída, diziam, seriam os mercados externos, cujo consumo

⁹ Países retardatários, ou *latecomer countries*, como seriam referidos pela influencia do trabalho de Gerschenkron, 1966, são aqueles países que começaram seu desenvolvimento do capitalismo em um momento em que a Inglaterra, França etc., já expandiam suas atividades capitalistas para o exterior.

¹⁰ Bleaney, 1976, escreveu uma excelente análise sobre estes e outros Subconsumistas.

extra é que permitiria a economia capitalista sobreviver ¹¹. Este ponto é crucial. Foi a necessidade deste ‘mercado externo’ que forneceu aos Narodniks o toque especial necessitado para completar sua teoria de um capitalismo ‘original’ na Rússia. Ali este estava se instalando em um tempo em que os mercados estrangeiros já estavam dominados pela Inglaterra, pela França etc.. O jovem capitalismo Russo não conseguiria competir no exterior por causa da grande força dos concorrentes. Assim, por um lado enfrentando um muito difícil, quase obstruído, acesso aos mercados externos e, por outro lado, um mercado interno pequeno e diminuindo, o incipiente capitalismo Russo estava destinado a se arruinar. O resultado seria levar a miséria um vasto número de pessoas, sem nem ao menos a compensação do estabelecimento de uma estrutura produtiva forte e moderna. Ou seja, de acordo com os Narodniks o capitalismo na Rússia apresentaria somente sua face perversa, e teria como característica central de sua originalidade a impotência para executar mudanças nas velhas estruturas, e para se expandir para toda, ou quase toda, economia.¹².

É necessário deixar claro que, quando os Narodniks afirmavam que o capitalismo Russo era único, ou original isto não se referia apenas a características específicas que se espera encontrar em cada país. A indicação era muito mais radical e profunda. Explicitamente, sugerindo que existiriam diferentes leis de movimento para este capitalismo periférico (dependente?). As seguintes passagens do sumário de Bleaney, 1976, sobre a principal obra de Vorontsov “The Fate of Capitalism in Rússia”, de 1882, sintetiza a visão Narodnik sobre a originalidade do seu capitalismo:

"In the West, he says (Vorontsov, F.J.K.), the established laws of political economy' (aquelas expostas por Marx no “O Capital”, F.J.K.) work. [...] In Russia, however, he says, this is not the case. The established laws of political economy do not apply and the situation is so complicated that no one has yet elaborated the principles underlying the movement of the Russian economy." (Bleaney, 1976, p.124, Grifo nosso) ¹³.

Lênin reconheceu, estudou e explorou as características particulares da formação social da Rússia. Ao fazê-lo, concluiu que o desenvolvimento do capitalismo na Rússia estava caminhando de acordo com as leis descobertas por Marx. Então, uma das primeiras tarefas que se colocou foi a de atacar teoricamente os dois pilares da ‘originalidade’. Seus trabalhos “On the So-Called Market

¹¹ Mercado externo no sentido de país estrangeiro apenas, não resolve a questão. Pois, olhando globalmente, se este também for capitalista, apenas aumenta a dimensão do problema. Teria também que ser uma sociedade que funcionasse com uma lógica não capitalista.

¹² Para uma explicação mais detalhada destes dois ‘Problemas’ e referencias, ver Katz, 1984.

¹³ A este tipo de visão, que concede a existência de certa qualidade específica ao capitalismo periférico, que o distinguiria daquele do centro, para uns explicitamente ficando livre das leis descobertas por Marx, associamos a expressão Terceiro-mundista. É nosso entendimento que este posicionamento tem ampla influência na Esquerda e no debate sobre Desenvolvimento do Capitalismo na Periferia, estendendo suas marcas até os dias de hoje. Este grupo de posicionamentos, que incorpora a TB, inclui, por exemplo, os trabalhos de Baran, e de Frank, a versão Estagnacionista dos estudos Cepalinos, as Teorias do Subdesenvolvimento e da Dependência, do Capitalismo Periférico, do Lumpendesevolvimento etc.. Teiceiomundismo ou uma das referencias especificas serão utilizadas alternativamente ao sabor da conveniência do texto.

Question” (1893), “A Characterization of Economic Romanticism” (1897) e, em certa medida também, “The Development of Capitalism in Rússia” (1899), foram escritos para atingir este objetivo. Seguem-se breves notas sobre o assunto.

Em relação ao ‘O Problema da Realização’, Lênin mostrou que o raciocínio em termos do esquema de reprodução ampliada, que é o objeto do Capital que busca acumulação e não o consumo, inclui a situação de Composição Orgânica do capital Crescente devido ao progresso técnico. Isto permite constatar que, teoricamente, o capital pode ser realizado internamente em um país capitalista. O processo de acumulação será caracterizado pelo fato de que “the production of means of production increases faster than the production of means of consumption”, Lênin, (1893), p.88, isto como um resultado natural dos investimentos e do alvo da acumulação.

É conveniente deixar claro que Lênin não negava que os capitalistas teriam problemas (dificuldades) na realização das mercadorias que faziam produzir. O que pretendia estar provando era que ‘O Problema da Realização’, sem mercados externos, embora um obstáculo, não era a contradição principal do Modo Capitalista de Produção, aquela que poderia fornecer a demonstração teórica de que o mesmo não é viável ¹⁴.

Lênin também não compartilhava da posição Harmonicista de Tugan-Baranovsky ¹⁵. Ao contrário, para Lênin o Modo Capitalista de Produção é uma fase transitória da historia humana. Seria levado à destruição por sua contradição principal, entre as tendências à socialização da produção e à individualização da apropriação. Esta contradição manifestar-se-á de várias maneiras, sendo que aquela entre a produção e o consumo é apenas um dos casos. Mas, o que determina o destino do Capitalismo não são as contradições na esfera da circulação. Estas podem até ser contornadas por mudanças na distribuição. Acontece que o problema real está localizado no Modo de Produção e, conseqüentemente, só sua destruição mudaria a essência das coisas.

O tema do “Problema dos Mercados’ recebeu a atenção de Lênin tanto no campo teórico quanto no empírico. O autor mostrou que a transformação da pequena-produção independente, dedicada à produção para auto-consumo, em produção de mercadorias e, mais adiante, em produção capitalista, envolvendo operários e capitalistas, era o resultado de um processo Histórico conhecido ¹⁶. Declarou claramente que, em muitos casos, o nível real de consumo daqueles com posição final de ‘operário’ certamente poderia diminuir. Mas, isto não se refletiria em termos de mercados. Pois, estas mudanças fazem com que os trabalhadores passem a pertencer a uma economia monetizada, a vender sua força de trabalho e a comprar bens. Conseqüentemente, apesar de passarem a obter uma cesta de bens consumidos possivelmente menor, os trabalhadores, pelo menos aqueles empregados,

¹⁴ Assim, distinguindo entre as dificuldades de realização e a realização como uma impossibilidade teórica.

¹⁵ De acordo com este, desde que as proporções dos bens produzidos, especialmente a relação entre bens de consumo e bens de capital, fossem adequadas, o capitalismo poderia crescer indefinidamente.

¹⁶ Parte disto corresponde ao processo de acumulação primitiva.

passam a contribuir para aumentar e para não encolher o mercado. Um exemplo excelente da demonstração empírica do crescimento do mercado é apresentado no capítulo VIII do “The Development of Capitalism in Rússia”, intitulado “The formation of the Home Market”.

Deve-se observar que a oposição de Lênin a esta “Problema” não significa que o mesmo considerasse que os mercados externos não teriam importância para os capitalistas. Ao contrário, mostrou que podem constituir importante impulso adicional para que uma nação capitalista expanda sua produção. E que a existência de mercados externos poderia constituir um colchão de amortecimento, em situações de crises e de problemas de realização. Mas, também, mesmo se estes mercados forem pequenos, isto não implica em que o desenvolvimento do capitalismo estaria bloqueado.

Estas eram as posições de Lênin em relação aos dois Pilares Teóricos. Opunha-se aos mesmos enquanto premissas proibitivas, sem negar as dificuldades de mercado e de realização existentes no Capitalismo. Em consequência dos seus estudos, se opôs frontalmente a idéia da ‘impotência’, do caráter excepcional ou ‘original’ do capitalismo russo, e de que o mesmo constituísse um retrocesso. Mais ainda, a partir de um determinado momento, concluiu que o capitalismo na Rússia não estava ainda por chegar e se impor em algum momento no futuro. Na verdade, já tinha chegado, Lênin, 1897b, “The Heritage We Renounce”, p.533. Além disso, nesse estágio, por agir no sentido de dissolver os resquícios feudais ainda sobreviventes, o capitalismo estaria executando um papel progressista no desenvolvimento da Rússia.

Estes argumentos e estas expressões soam familiares, mesmo para aqueles que não têm muito contacto com o debate Russo. Isto é assim porque a TB sobreviveu em algumas teorias de desenvolvimento do século XX e reaparece com força no século XXI.

3.3 A Tese do Bloqueio na segunda metade do Século XX. Os trabalhos dos autores Terceiro-Mundistas diferem uns dos outros em suas apresentações. Às vezes parecem distar mundos entre si. Porém, há esta ligação importante que permeia a todos, a TB.

Uma obra que muito influenciou esta vertente apareceu em 1957 antecipando o ambiente de desapontamento mais característico da década dos 60. Assim, quando este sentimento parecia se generalizar, em função dos resultados negativos do projeto desenvolvimentista que tinha tido amplo apoio e gerado altas expectativas, a Esquerda já dispunha de um instrumental teórico para realizar outro tipo de análise. O trabalho referido é o “The Political Economy of Growth”, escrito por Paul Baran em 1957, Baran, 1978¹⁷.

¹⁷ Em 1956 tinha havido o lançamento do livro de Myrdal, 1972. Por outro caminho, e adotando perspectivas mais otimistas acerca das possibilidades de desenvolvimento capitalista na Periferia, o autor centra igualmente sua atenção na análise das dificuldades das relações Centro Periferia. Os dois trabalhos mostraram-se muito influentes, a Esquerda preferindo o direcionamento do de Baran.

Naquele livro, Baran relançou a antiga idéia da TB e muito marcou os trabalhos acerca de desenvolvimento de boa parte da Esquerda nas décadas seguintes. A decepção, devido à espera frustrada pela revolução democrática burguesa, como então se imaginava que aconteceria, criou um clima propício para a interpretação de que o capitalismo na periferia não estaria avançando e nem seria capaz de jamais avançar.

“The question that immediately arises is, why is it that in the backward capitalist countries there has been no advance along the lines of capitalist development that are familiar from the history of other capitalist countries, and why is it that forward movements there has been either slow or altogether absent?” (Baran, 1978, pp. 267/8)

Para sua explicação das razões do bloqueio, Baran toma como ponto de partida o conceito de excedente, e suas relações com as situações de concorrência e monopólio. O clima concorrencial é apresentado como positivo e estimulante. Já as condições de monopólio levariam a estagnação. Pois, por um lado, esta estrutura permitiria que um pequeno número de capitalistas se apropriasse de uma enorme parcela do excedente do produto social, pouco restando em mãos de outras classes que pudesse ser investido. Por outro lado, a condição monopolista não incentivaria que um adequado percentual dos lucros se destinasse a investimento, ficando a maior parte para gastos supérfluos. Tudo isto tendia a conduzir o sistema para a estagnação ¹⁸.

No contexto das relações entre países, estas categorias apareceriam numa síntese do que teria sido a história do subdesenvolvimento. Até algum momento do passado, os atuais países centrais não seriam muito mais desenvolvidos que alguns da periferia. Devido a condições acidentais de vantagem locacional, os do centro partiram primeiro para os processos de industrialização e acumulação. Como o ambiente ali era concorrencial, os resultados de desenvolvimento capitalista que obtiveram foram fortes e rápidos. Com o impulso adicional dos ganhos do comércio internacional, o centro conquistou uma posição de crescente vantagem e força. Já na periferia, este processo desestruturou a antiga organização da produção que teve que se desviar de atividades de subsistência para produtos de exportação. Estruturas monopolistas se consolidavam tanto no Centro quanto na Periferia. A desigualdade que aumentava também tornava permanente a dificuldade de conseguir recursos para desenvolver outros setores. Daí a pouca industrialização. O escasso excedente que não vai para o centro é, em boa parte, apropriado pelos intermediários improdutivos. Assim, aumenta o desnível econômico entre centro e periferia e, ao mesmo tempo, fornece condições cada vez melhores de extração e transferência de excedentes, que realimenta o processo.

¹⁸ É possível reconhecer, neste raciocínio, a presença de elementos também utilizados em seu clássico trabalho com Sweezy, “Capitalismo Monopolista”, Baran e Sweezy, 1966.

A partir de certo momento da história, o próprio contato entre países do centro e da periferia teria tornado os primeiros desenvolvidos e os últimos subdesenvolvidos. Dessa maneira, e mantidas as condições, subdesenvolvimento não seria uma fase anterior ao desenvolvimento, mas, ambos, trechos distintos de dois caminhos distintos. Vale dizer que a forma de funcionamento do modelo operava no sentido de manutenção das condições preexistentes. Estas são algumas das idéias do seminal trabalho de Baran que, juntamente com o de Myrdal, (1972), globalizam o conceito e a teoria do Subdesenvolvimento.

Já em 1961 Furtado publicou o livro “Desenvolvimento e Subdesenvolvimento”, que se tornou um clássico e foi básico para a divulgação no Brasil da Teoria do Subdesenvolvimento. O livro a enriquece com aspectos específicos do caso brasileiro. Para confirmar a influencia da TB, e do trabalho de Baran, uma citação é suficiente.

“O efeito do impacto da expansão capitalista sobre as estruturas arcaicas variou de região para região, ao sabor de circunstâncias locais do tipo de penetração capitalista e da intensidade desta. Contudo, a resultante foi quase sempre a criação de estruturas híbridas, uma parte das quais tendia a comportar-se como um sistema capitalista, a outra, a manter-se dentro da estrutura preexistente. Esse tipo de economia dualista constitui, especificamente, o fenômeno do subdesenvolvimento contemporâneo.

O subdesenvolvimento é, portanto, um processo histórico autônomo, e não uma etapa pela qual tenham, necessariamente, passado as economias que já alcançaram grau superior de desenvolvimento. Para captar a essência do problema das atuais economias subdesenvolvidas, necessário se torna levar em conta essa peculiaridade.” (Furtado, 1961, PP. 173/4).

Pouco tempo depois, em 1966, Furtado lança outro livro, o “Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina”, bíblia do Estagnacionismo, também marcado pela TB. Em relação a esta visão, cabe dizer que foi apenas uma das versões, por sinal fugaz, do Terceiro-Mundismo. Desta vez em vôo solo, Furtado defendeu, por um tempo, este tipo de posição.

“Na América Latina o desenvolvimento induzido pela revolução industrial na Europa e nos Estados Unidos foi suficiente para transformar parte dos sistemas econômicos herdados da época colonial, mas totalmente insuficiente para criar sistemas autônomos, capacitados para autogerar o crescimento. Desta forma, a América Latina permaneceu como simples “periferia” das economias industriais desenvolvidas numa fase avançada, quando os mercados de produtos primários haviam perdido o seu vigor de expansão inicial e estavam longe de poder gerar o impulso dinâmico de que necessitava.

O ensaio de industrialização de tipo “substitutivo de importações”, durante um certo período constitui uma alternativa e permitiu levar adiante algumas modificações adicionais nas estruturas produtivas de alguns países. Ocorre, entretanto, que a forma de organização industrial viável em determinadas condições históricas, não é independente do tipo de tecnologia a ser adotada. A tecnologia que a América Latina teve de assimilar na metade do século XX é altamente poupadora de mão-de-obra e extremamente exigida no que respeita as dimensões do mercado. Dentro das condições presentes da América Latina a regra tende a ser o monopólio ou o oligopólio e uma progressiva concentração da renda, a qual, por seu lado ao condicionar a composição da demanda, orienta os investimentos para certas indústrias que são exatamente as de elevado coeficiente de capital e mais exigentes com respeito às dimensões do mercado. A experiência tem demonstrado, na América Latina, que esse tipo de industrialização substitutiva tende a perder impulso quando se esgota a fase das substituições ‘fáceis’, e eventualmente provoca estagnação.” Furtado, 1966, PP. 38/9, grifo nosso.

Há quem aponte traços de Estagnacionismo no clássico de Maria da Conceição Tavares “Auge e declínio do processo de substituição de importações no Brasil”, de 1963 (Tavares, 1977). Portanto, seja também como autocrítica, ou não, seguiu-se, em 1970, importante artigo da própria Tavares e de José Serra, “Além da Estagnação” (Tavares e Serra, 1977), contrário a esta idéia. Logo na introdução afirmam:

“Na primeira parte deste ensaio tenta-se demonstrar as debilidades da idéia sobre a estagnação econômica apresentada, em sua concepção corrente, como uma tendência geral que afetaria as economias latino-americanas. Atribuímos bastante importância a este ponto dado que, a nosso ver, a crença nessa estagnação prejudicou significativamente a evolução das interpretações sobre o funcionamento de algumas economias como, por exemplo, a do Brasil.” Tavares e Serra, 1977, pp. 155/6.

O artigo é muito forte e logo esta posição sai do foco. Retomou então seu lugar central a influente e duradoura visão do Subdesenvolvimento. Durante todo o período a mesma repercutiu na voz de outros autores, sempre conduzindo em seu DNA as instruções da TB.

“The development-underdevelopment contradiction will undoubtedly deepen internationally and domestically. The mechanism of dependent capitalism in the underdeveloped world has so far never permitted a way out of underdevelopment, and it shows no promise of doing so now. Underdevelopment will increase.” (Frank, 1970, p. 360)

Como foi dito anteriormente, a forma em que a TB se apresenta nos trabalhos dos diversos autores varia bastante. Mais importante, porém, é constatar que o sentido e/ou amplitude do bloqueio imaginado evoluiu ao longo do tempo, sempre em fuga, batido pela realidade da história, pelo menos no caso do Brasil. As primeiras versões onde se retratam países cuja economia extrovertida não se expandiria para além da agricultura, podendo no máximo incluir um ou outro enclave de atividade moderna, tiveram que passar a acomodar uma nova realidade onde despontavam indústrias, ainda que de bens de consumo não durável. Adiante tiveram que ‘descobrir’ que tinha havido uma Industrialização de Substituição de Importações, que havia se expandido também para bens de consumo duráveis. A partir daí o obstáculo parecia passar a ser o setor de bens de capital que continuaria inacessível aos países da periferia. Mais alguns anos e se tornam necessárias novas correções no modelo de forma a compreender os passos dados, assim como se faz necessário imaginar quais os obstáculos que continuariam fazendo do desenvolvimento do capitalismo na periferia algo lento e incompleto. Vimos que, segundo Francisco de Oliveira, hoje em dia o obstáculo seria a dependência de moeda forte e a impenetrável Terceira Revolução Industrial. Esta sucessão de análises é que foi dando lugar à Teoria do Subdesenvolvimento, ao Estagnacionismo, à Teoria da Dependência às análises dos Sistemas Mundiais e outras.

Esta visão mutante do bloqueio da periferia, que foi apresentada com variados graus de abrangência, mas com permanência em relação à TB, certamente influenciava o teor das propostas econômicas, sociais e políticas, em alguns momentos levando a verdadeiras catarses coletivas. Uma situação importante ocorreu entre o final da década dos 60 e o começo da dos 70. A decepção com o Desenvolvimentismo, golpes militares instalando grupos de direita no poder e outros fatores levaram alguns analistas à interpretação de que o capitalismo na periferia não só não estaria avançando, como não seria capaz de jamais avançar. Como referido, foram diversas as reações, algumas radicais. Este processo culminou com a sugestão da necessidade de uma revolução socialista como única opção ao subdesenvolvimento, pois não restaria nada a fazer nos marcos do sistema e: *“the contradictions of lumpendevelopment in Latin América are deepened and can only be resolved by the people – with the only true development strategy: armed revolution and the construction of socialism.”* (Frank, 1974, p. 145). É fundamental entender que esta proposta não resulta simplesmente de radicalismo político. Ocorre que o sistema teórico ao qual se limita leva forçosamente a esta conclusão. Daí a importância de se estudar e analisar a TB.

Mas, desde o fim da década dos 60, outro grupo de versões explicativas, outra família de corpos, surgiu para abrigar o DNA da TB, as Teorias da Dependência. Sua primeira marca é a condenação da idéia da existência do monopólio da estagnação, de forma a ser capaz de incorporar o novo surto de desenvolvimento capitalista, ‘o milagre’. Isto permitiria que, no futuro, pudessem

incorporar outros novos surtos. É a forma mais perfeita e acabada de introdução da TB nas análises sobre o Desenvolvimento do Capitalismo na Periferia.

As Teorias da Dependência evoluíram ao longo de sua história. Como veremos, nos seus primeiros trabalhos, tinham muitos pontos em comum com o Subdesenvolvimentismo, diferindo substancialmente por admitir desenvolvimento de um tipo especial de capitalismo na Periferia. Porém, foram se desfazendo gradativamente do recurso aos argumentos mais vinculados a aspectos concretos, como setores da economia, por exemplo, indústria, ou fabricação de bens de capital. Também, avançaram para deixar de fora destas teorias fenômenos específicos, como os obstáculos episódicos relacionados à Inflação e ou a Balança de Pagamentos. **Assim, o bloqueio foi passando para outro patamar mais abstrato, envolvendo o financeiro e o tecnológico, no que consistiu em autêntico avanço em termos conceituais.** Abriu-se também a discussão, de forma a poder ser interpretada como uma Teoria, como Teorias, ou mesmo como estudos contingenciais de casos concretos. Em todas as formas, admite expressamente a possibilidade da hegemonia da vigência do capitalismo em países do Terceiro Mundo, mas, de um capitalismo especial, o “Capitalismo Dependente”, lembrando assim discursos anteriores. Vamos rever aspectos relevantes da mesma.

Observemos, nas palavras de um de seus primeiros autores, Theotonio Dos Santos, o conceito de Dependência: “By dependence we mean a situation in which the economies of certain countries are conditioned by the development and expansion of another economy to which the former is subjected.” Dos Santos, 1970, p. 231. Estas relações entre países teriam evoluído com a História, tendo resultado em diferentes formas de dependência: (a) colonial, (b) financeiro-industrial e (c) tecnológico-industrial. As primeiras duas se caracterizavam por conceber a Periferia produzindo, principalmente, matérias primas e bens agrícolas, destinados para exportação e a última forma apresentaria na Periferia, também, a produção industrial leve, para o consumo interno. Estes estágios são apresentados como uma periodização aparentemente válida em toda parte na periferia, o que confirma que o autor concebia uma trajetória única, para descrever o presente, o passado e o futuro da América Latina.

Dos Santos utilizou um *pot-pourri* de argumentos da CEPAL, de Baran e dos Estagnacionistas como, a transferência de excedentes, das relações de comércio enviesadas por mercados não competitivos, das limitações dos mercados internos etc. para explicar como as economias centrais condicionaram os periféricos, gerando a particularidade distintiva do capitalismo dependente.

“... we can understand what is happening in the underdeveloped countries only when we see that they develop within the framework of a process of dependent production and reproduction. This system is a dependent one because it reproduces a productive system whose development is limited

by those world relations which necessarily lead to the development of only certain economic sectors”, Dos Santos, 1970, p. 235, grifo nosso.

Antes de passarmos para o mais famoso autor da Dependência, vale à pena citarmos trecho de outro trabalho de Dos Santos, escrito em 1969, que certamente é criação original do autor. No entanto, parece um eco quase secular de Vorontsov, citado anteriormente, e é a representação perfeita do Terceiro-Mundismo.

"... the theory of development must be concerned with the **laws of development** of those societies which we seek to understand. We must discover to what extent these laws are specific to these societies and to what extent one can also identify them with the laws of development of advanced societies, be they capitalist or socialist" (Dos Santos, 1973, p.60 grifo do autor)

Iniciamos as referências a Cardoso e Falleto, também, com a definição de Dependência: “From the economic point of view a system is dependent when the accumulation and expansion of capital cannot find its essential dynamic component inside the system.” Cardoso e Falleto, 1979, p.xx.

A característica comum aos países dependentes, idêntica a do modelo de Dos Santos, é que são sistemas incompletos, seus complementos situando-se no exterior. E esta era uma característica que não desapareceria, mesmo nos países mais desenvolvidos do grupo.

“... in spite of internal economic development, countries tied to international capitalism by that type of linkage remain economically dependent, insofar as the production of the means of production (technology) are concentrated in advanced capitalist economies (mainly in the US).

In terms of the Marxist scheme of capital reproduction, this means that sector I (the production of means of production) - the strategic part of the reproductive scheme - is virtually non-existent in dependent economies. Thus, from a broad perspective, the realization of capital accumulation demands a productive complementarity which does not exist within the country”. Cardoso, 1972, p.90, grifo do autor.

Esta condição de não completude permanente do sistema tenderia a se perpetuar porque, a periferia requereria continuamente bens de capital do centro, e também haveria uma diminuição constante em sua capacidade de pagar por suas importações. É verdade que existiria a possibilidade de se recorrer a empréstimos externos, mas isto causaria a reprodução da ‘assimetria’ e em um controle externo mais profundo da economia. Tudo isto resultaria na modificação da natureza dos países capitalistas dependentes, que seriam limitados em suas possibilidades de desenvolvimento,

bloqueados: “... between the developed and underdeveloped economies there exists not simply a difference of stage or state of productive system, but also of function or position inside the same economic international structure of production and distribution”. Cardoso e Faletto, 1981, p.26.

Novas rodadas de contribuições Dependencistas continuam surgindo até nossos dias, sendo algumas de excelente qualidade. O livro “Repensando a Dependência” de Lídia Goldenstein, de 1994, é um bom exemplo. A autora inicia sua Introdução apresentando algumas perguntas que vão diretamente ao âmago do problema.

“Periferia e subdesenvolvimento são realidades indissociáveis? Qual a viabilidade do desenvolvimento capitalista nos países periféricos? Subdesenvolvimento é uma fase pela qual passam certos países, uma etapa passageira rumo ao desenvolvimento, ou o resultado de uma divisão internacional do trabalho que condena a periferia inexoravelmente ao atraso?” Goldenstein, 1994, P. 17, grifo nosso.

Faz então rigorosa e rica revisão das discussões pertinentes, que se desenrolaram ao longo das décadas dos 60, 70 e 80, confrontando as posições com os fatos concretos acontecidos neste período. Apresenta o clima de otimismo explicando que “Anos Sucessivos de taxas de crescimento especialmente elevadas, mesmo para padrões internacionais, criarão a ilusão de que a trajetória de crescimento era uma conquista definitiva, independentemente de eventuais percalços no caminho.” Goldenstein, 1994, P. 18. E refere como este ambiente é substituído, mais uma vez, por um espírito de desalento na década dos 80.

“Quando, nos anos 80, a crise eclode, a análise sobre os caminhos e descaminhos da economia brasileira fica circunscrita ao curtíssimo prazo, às políticas econômicas do dia-a-dia, suficientes apenas para evitar uma explosão hiperinflacionária e/ou uma crise cambial mais forte.” Goldenstein, 1994, P. 19). E continua, “A perspectiva de longo prazo, a inserção do país na economia internacional, as dificuldades intrínsecas de um país periférico, retardatário e dependente foram esquecidas.” Goldenstein, 1994, P. 20. Então:

“Nossa proposta é sair da discussão sobre o sobe e desce das taxas de juros, sobre o emaranhado do déficit público e da dívida externa e tentar retomar certas questões estruturais abandonadas desde há muito tempo, revendo velhas posições sem cair no ridículo, pelo seu primarismo, de assumir novas bandeiras qual o cristão novo com necessidade de mostrar-se mais realista que o rei.” Idem, P. 20.

Para tal, a autora decide concentrar-se em dois pontos:

“O primeiro diz respeito à crise da dívida externa e à análise errônea que dela se faz, na medida em que não foi percebida como o esgotamento de uma certa estruturação do capitalismo, com profundas implicações para os países periféricos dependentes. O segundo ponto diz respeito à confusão entre padrão de financiamento e sistema financeiro, que tem levado à ilusão de que basta uma reforma no ultimo para a retomada das condições de financiamento da economia. Nossa tese é de que a inexistência de um padrão de financiamento próprio resultou em uma especial vulnerabilidade do Brasil ante o novo cenário internacional.”¹⁹ Goldenstein, 1994, P. 21.

Vemos que, neste trecho, a autora converge a sua observação para o aspecto financeiro, que seria o, ou um dos dois, obstáculo(s) ao desenvolvimento do capitalismo no Brasil. A alusão ao outro obstáculo, o tecnológico, vem à tona depois. Em uma passagem adiante, que parece referir-se ao final dos anos 70 e começo dos 80, a autora critica o fato, de certo modo já referido antes, de que, em certo momento, os analistas brasileiros se concentraram em problemas econômicos internos, deixando de lado decisivos fatores externos. É possível então perceber seu entendimento da importância, e da conexão entre os dois obstáculos, pois, “Enquanto isso o mundo iniciava um processo que o levaria a uma brutal transformação, uma terceira revolução tecnológica acoplada a uma globalização financeira, que modificava não só as relações intracapitalismos centrais como, obviamente, entre estes e os países periféricos.” Goldenstein, 1994, p. 49, grifo nosso.

Apesar de, no capítulo final, a autora insinuar em alguns momentos uma tímida possibilidade de luz no fim do túnel, nos trechos abaixo, já focando os anos 90, faz forte e clara declaração dependentista, comprometida com a TB:

“As profundas transformações que vêm ocorrendo no âmbito do capitalismo internacional, provocando uma nova divisão internacional do trabalho, explicitam o peso dos condicionantes externos, obrigando-nos não só a repensar a futura inserção brasileira em um capitalismo que não é mais o mesmo, mas a reavaliar o passado. A compreensão da atual crise impõe a rediscussão do processo de desenvolvimento capitalista brasileiro (do passado F.J.K.). É preciso em primeiro lugar, compreender quais as características próprias desse processo, além das elevadas taxas de crescimento, que levaram a uma avaliação incorreta da dinâmica capitalista, atribuindo-lhe uma autonomia que tem se revelado falsa. Acredito que, mais do que nunca, essa tarefa passa pelo resgate da discussão dos laços de dependência, entendidos como uma relação de ordenação-subordinação fundamental na determinação da dinâmica capitalista brasileira. Goldenstein, 1994, p.50, grifos nossos.

¹⁹ “O padrão de financiamento é expressão da forma de organização capitalista, cuja constituição, no caso brasileiro, impossibilitou a formação de uma base financeira nacional, resultando em uma carência crônica de financiamento de longo prazo e um inchaço especulativo do mercado financeiro.” Goldenstein, 1994, p. 94.

“Nossa hipótese é que, exatamente em função de uma específica relação interna entre e intra classes, houve no Brasil um aprofundamento dos laços de dependência que permitiu um desenvolvimento acelerado durante algumas décadas. Porém, a viabilização do desenvolvimento, apesar da não-resolução de contradições internas, só ocorreu graças a uma dinâmica extremamente favorável do capitalismo internacional que permitia, via entrada de capital estrangeiro, amortecer os conflitos internos, os quais, sem ele, bloqueariam o processo de acumulação.”

... Porém as transformações que vêm ocorrendo no âmbito do capitalismo internacional – a terceira revolução tecnológica e a globalização financeira – tem apontado para um movimento do capital internacional que passa ao largo dos processos produtivos de certas economias periféricas, levando-o portanto a deixar de funcionar como amortecedor dos conflitos internos que passam a emergir ameaçando os padrões de desenvolvimento.

A atual dinâmica do capital internacional inviabilizaria o esquema que permitiu anos de crescimento da economia brasileira, explicitando problemas que até então puderam ser contemporizados pelas altas taxas de crescimento, e revelaria a ilusão das análises que supunham garantida uma interação dinâmica positiva entre as economias centrais e as periféricas.” Goldenstein, 1994, p.52, grifos nossos.

E, de forma extremamente explícita:

“O sonho acabou. A ilusão de que estávamos "colados" ao sistema capitalista internacional – e que, portanto, mesmo aos "trancos e barrancos", apesar das crises cíclicas inerentes ao capitalismo, dos problemas de distribuição de renda, das desigualdades regionais, a tendência era de crescimento e, conseqüentemente, de diluição desses problemas – perdurou até meados dos anos 80, quando, após algumas tentativas fracassadas de estabilização, começou-se a ter consciência da envergadura das transformações mundiais e de seu impacto no Brasil.

Nossa estrutura industrial é incapaz de garantir o dinamismo da economia e nosso padrão de financiamento é incapaz de financiar uma transformação dessa estrutura industrial suficiente para garantir um dinamismo.” Goldenstein, 1994, p.54, grifos nossos

Ai está uma das apresentações da Dependência como uma proposta abstrata, baseada nos dois obstáculos, os bloqueios financeiro e tecnológico. Esta abordagem domina o trabalho, já que a autora identifica o cerne da crise no bloqueio financeiro: não há padrão de financiamento. (Goldenstein, 1994, p.57). Mas, ao mesmo tempo, também afirma: “Além do impasse fiscal-financeiro em que nos encontramos, a verdadeira revolução tecnológica, produtiva e financeira por

que tem passado o sistema internacional tornou nosso padrão de industrialização obsoleto e, o que é pior, sem nenhuma condição de reverter esse quadro a partir ‘de suas próprias pernas’.” Idem, p.96.

Daí podermos afirmar que a Dependência combina com a Teoria da Financeirização. Isto porque a segunda afirma que a principal característica do capitalismo atual seria a exacerbação da acumulação na esfera financeira, comandada do centro, naturalmente, permitindo aos Dependentistas identificarem aí uma das razões do estrangulamento dos países Periféricos. O mesmo pode também ser observado pelo recíproco recurso a autores das duas teorias. Por exemplo, Chesnais, que se notabilizou por suas colaborações à Teoria da Financeirização, é requerido pela autora para reafirmar a importância do segundo foco do estrangulamento, o tecnológico:

“A mudança no paradigma tecnológico modificou os parâmetros de transferência de tecnologia internacional e tomou o crescimento industrial endógeno dependente em um nível muito mais alto do que no período anterior (1960/1975) de fatores que o capital estrangeiro não pode e não vai trazer ou construir em outros países e que precisam ser criados/construídos internamente. Chesnais, 1991, Apud Goldenstein, 1994, p. 108.

Finalizamos com outro trecho da própria autora, onde reina a TB, definitivamente.

“Retorna-se assim ao nosso ponto de partida. As dificuldades que impediram o Estado brasileiro de implementar uma política de desenvolvimento que transformasse sua estrutura industrial e modificasse sua inserção internacional são de natureza genética. É na sua constituição que foram gerados os entraves, amortecidos enquanto o cenário internacional nos favoreceu.

Agora, com o novo quadro internacional, as dificuldades só se agudizaram.” Idem, p.161

4 – **Conclusões.** Fica evidente que a TB é uma idéia recorrente na história do pensamento econômico. A mesma tem sido apresentada de muitas formas diferentes, e sua ênfase tem também mudado com o tempo, mantendo forte influência, e difundida presença, na grande maioria das análises da Esquerda. Sem dúvida o desenvolvimento do capitalismo na periferia tem suas peculiaridades, entre outras aquela de ser, em geral, um processo cheio de dificuldades e barreiras e extremamente perverso. Inclusive já pondo em risco nosso convívio com a natureza. É óbvio que estes obstáculos não serão superados, mesmo em médio prazo, pelo conjunto dos países do Terceiro Mundo. No entanto a história já apresentou casos isolados onde isto sucedeu, e não há razão para se aceitar que isto não possa acontecer novamente em relação a alguns países. Esta é uma alternativa que, particularmente nós no Brasil, não poderíamos deixar fora do espectro de possibilidades a considerar. Ao mesmo tempo, há que se opor a posição egoísta de saídas individuais para nosso país, onde a solidariedade continental e periférica em geral seja esquecida.

Insistimos na importância de evitar que esta possibilidade seja obscurecida, ou não seja discutida, pois isto equivaleria a abandoná-la para se tornar uma palavra de ordem exclusiva da direita. Seria deixar que a Esquerda fosse, mais uma vez, surpreendida pela História, que é afinal a Ciência de base deste posicionamento. Vale igualmente indicar que, a qualidade que tomará este caminho, se esta hipótese se verificar, dependerá de forças concretas da sociedade, mas também da posição ideológica dos analistas que participarem e influenciarem na elaboração das proposições. Nem é necessário dizer que se podem obter propostas e posturas bastante distintas.

Ao final, é importante dizer que a razão que possivelmente seja a mais importante para que se discuta a TB, é que a mesma, Historicamente, tem sido o fundamento de, e conduzido concretamente a, posicionamentos desastrosos de alguns que se quedam equivocadamente sem nenhuma perspectiva. Frank, citado anteriormente, é apenas o exemplo que talvez seja mais explícito, mas sua mensagem não difere muito, em alguns casos nada, de outros respeitáveis autores estrangeiros e brasileiros.

BIBLIOGRAFIA

- BARAN, P. A. (1978) "The Political Economy of Growth". Penguin Books, Middlesex.
- BARAN, P. A. e SWEEZY, P. M. (1966) "Capitalismo Monopolista". Zahar, Rio de Janeiro.
- BLEANEY, M (1976) "Underconsumption Theories". Lawrence/Wishart, Londres.
- CARDOSO, F.H. (1972) Dependent Capitalist Development in Latin America. In New Left Review, N°74.
- CARDOSO, F.H. e FALLETO, E. (1979) "Dependency and Development in Latin America" London, Univ. Press.
- IDEM (1981) "Dependência e Desenvolvimento na América Latina" Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- CHESNAIS, F. (1991) International patterns of foreign direct investment in the 1990's: Underlying causes and implications for developing countries. Texto preparado para a Conferência do ICI/UNCTAD/CEPAL, México.
- DOS SANTOS, T. (1970) The Structure of Dependence. In American Economic Review, N° 69.
- IDEM (1973) The Crisis of Development Theory and the Problem of Dependence in Latin America. In "Underdevelopment and Development", Ed. Henry Bernstein, Middlesex, Penguin.
- FIORI, J. L. (2007) www.agenciartamaior.com.br/templates/colunaImprimir.cfm?coluna_id=3635.
- FRANK, A. G. (1969) "Latin America: Underdevelopment or Revolution". M. R. Press, New York.
- IDEM (1974) "Lumpenbourgeoisie: Lumpendevelopment". M. R. Press, New York.
- FURTADO, C. (1961) "Desenvolvimento e Subdesenvolvimento" Fundo de Cultura, São Paulo.
- IDEM (1966) "Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina" Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- GERSCHENKRON, A. (1966) "Economic Backwardness in Historical perspective", Belknap Press, Cambridge.
- KATZ, F. (1984) "The Informal Sector and Debate on Underdevelopment: the Case of Brazil." Tese de Doutorado Universidade de Londres.
- IDEM (2006) "Elementos Para Uma Proposta Alternativa de desenvolvimento do Capitalismo no Brasil." Vol. 01, Nova Série, NAIPE/USP, São Paulo.
- KEYNES, J. M. (1973) "The General Theory of Employment, Interest and Money." MacMillan Press, Cambridge UK.
- LÊNIN, V. I. (1893) On the So-Called Market Question, In "Collected Works", Vol. 01, Progress P., 1972, Moscou.
- IDEM (1897) A Characterization of Economic Romanticism, "Collected Works" Vol. 02, Progress Pub. 1972, Moscou.
- IDEM (1897b) The Heritage We Renounce, In Collected Works, Vol. 02, Progress Publishers, 1972, Moscou.
- IDEM (1899) The Development of Capitalism in Russia, In Collected Works, Vol. 03, Progress P., 1972, Moscou.
- MARX, K. e ENGELS, F. (1978) "O Manifesto Comunista". Zahar, Rio de Janeiro.
- MYRDAL, G. (1972) "Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas", Editora Saga, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, F. (1977) "A economia Brasileira: Crítica a razão Dualista". Editora Brasiliense, São Paulo.
- IDEM (2003) "O Ornitórrinco". Boitempo Editorial, São Paulo.
- TAVARES, M. da C. (1977) "Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro". Zahar, Rio de Janeiro.
- TAVARES, M. da C. e SERRA, J. (1977) Além da Estagnação. In Tavares, 1977.
- WARREN, B. (1973) Imperialism and capitalist industrialization, New left Review, N° 81.
-